

CATARINA LEITÃO

Licenciada em Artes Plásticas - Pintura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa (1993). Completou o Mestrado MFA Combined Media, na Hunter College City University of New York, em Nova Iorque, no ano de 2000.

Os processos de construção, de adaptabilidade, de hibridismo são pontos chave da sua obra. Entre o bidimensional e o tridimensional, o artificial e o natural, o montar e desmontar, a sua visão espacial sustém uma linguagem da escultura com recurso à instalação, desenho e ilustração. No seu percurso conta com diversas publicações e livros de artista. Tem exposto o seu trabalho em locais como a Galeria Carlos Carvalho, MoMA, Aldrich Museum, Connecticut, Socrates Sculpture Park, Wavehill, Glyndor Gallery and Grounds, Andrea Rosen Gallery, Michael Steinberg, Galeria Pedro Cera e Bronx Museum. Conta com exposições individuais na colecção Berardo e no CAMJAP da Fundação Calouste Gulbenkian.

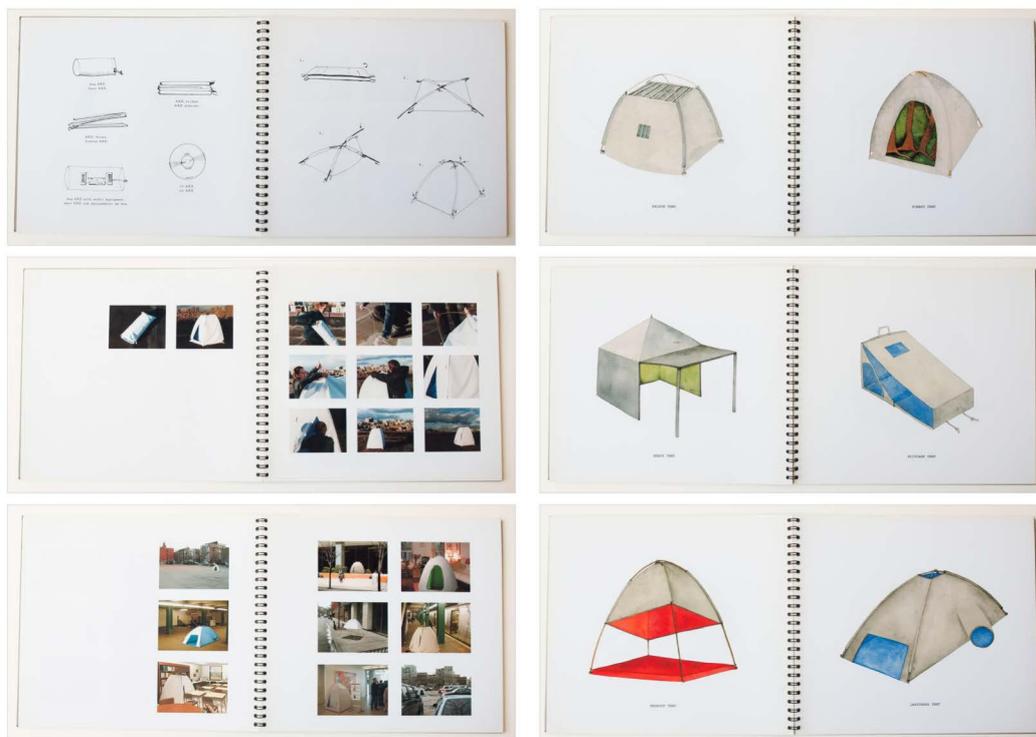
<http://catarinaleitao.net/>



A.R.D. (ARTIFICIAL RETREAT DEVICES): Lazydresstent, Foresttent, Camouflagetent, Oceantent, 2001.

Instalação com som, tecido, metal, instalações sonoras, relva artificial e tinta acrílica.

Vista da exposição Coleção Berardo – Sintra Museu de Arte Moderna, Portugal, 2001.



A.R.D. (ARTIFICIAL RETREAT DEVICES), é uma instalação constituída por uma série de tendas portáteis, utilizadas para tranquilizar o desejo de escapar ao meio urbano. Estes abrigos portáteis podem ser montados e colocados em qualquer sítio, interior ou exterior. Assim que se entre neles, proporcionam um espaço de refúgio (retiro, isolamento). O ambiente cromático e sonoro de cada tenda evoca diferentes associações com a natureza, permitindo que o espectador se sinta noutra lugar.

Fotografia: Catarina Leitão



Natureza Domesticada - Tamed Nature, 2002.

Natureza Domesticada - Tamed Nature foi uma exposição concebida para a sala de exposições temporárias do CAM na Fundação Calouste Gulbenkian.



Natureza Domesticada desenvolvia a ideia de Kit de sobrevivência para o cidadão que sente falta de um passeio no campo. A exposição era composta por dez instalações que funcionavam como pequenos cenários alusivos ao jardim e a ambientes domésticos, e propunham a ideia de paisagens a ser habitadas pelo corpo. A ideia central da exposição era a convicção de que a nossa experiência da natureza é sempre artificial.

Fotografia cortesia Fundação Calouste Gulbenkian



Vistas da exposição Tamed Nature na Andrea Rosen Gallery,
Nova Iorque, Dezembro 2002- Janeiro de 2003

Fotografia cortesia Andrea Rosen Gallery



Survival Systems Urban Action Catalog 2003/2004

10 desenhos 175x107 cm (cada), aguarela e grafite (texto)
sobre papel Arches.

Vista da peça instalada na Bienal de Pontevedra “No princípio
era a viaxe”, comissariada por Miguel Von Hafe Perez e David
G. Torres, Espanha, 2004.

Fotografia: Catarina Leitão



Survival Systems, 2004. Nove impressões digitais montadas em alumínio.

Este projecto foi concebido para o Socrates Sculpture Park, em Nova Iorque, 2004. A peça integrada na exposição *Field: Science, Technology and Nature*, comissariada por Alyson Baker, contava com alguns desenhos da série *Survival Systems Urban Action Catalog 2003/2004* reproduzidos digitalmente em painéis espalhados pelo parque.

Fotografia: Catarina Leitão



One with Nature, 2005.

Três desenhos, aguarela sobre papel, 180x106 cm (cada).

Vista na exposição *Greater New York 2005*, MoMA/P.S.1
Contemporary Art Center, Nova Iorque, 2005.

Fotografia: Catarina Leitão

One with Nature, partiu da ideia de desenhar uma coreografia com imagens de corpos à escala 1:1, protegidos com máscaras e portadores das formas naturais/artificiais que atravessam a minha obra. Representações de formas bélicas já são presentes em trabalhos anteriores de forma amenizada, através da interpretação do tecido camuflado e, na exploração de formas híbridas entre a arma de fogo e o vegetal.



***Portable Private Garden*, 2006**

Tecido, acrílico, tubo de alumínio, 165 x 127 x 127 cm.

Vista na exposição ***Garden Improvement***, Wavehill, Glyndor Gallery and Grounds, comissariado Jennifer McGregor.

Fotografia cortesia Wavehill, Glyndor Gallery and Grounds

Vista na exposição ***Lá Fora***, Museu da Electricidade, Lisboa, 2009, curadoria João Pinharanda.

Fotografia: Catarina Leitão



Thicket

A pesquisa a partir dos desdobramentos que as relações entre os espaços a duas e três dimensões está na base de uma série de trabalhos tridimensionais como *Uplift* (2008) a partir de um trabalho de desenho que explora o plano bidimensional e *Thicket* (2007-2008). O corpo de trabalho *Thicket*, parte de uma redução de meios premeditada: branco do papel, preto, linha e manchas planas. Construí pequenas narrativas onde a forma e o fundo, o cheio e o vazio se confundem. Com o livro tridimensional *Uplift* quis introduzir aberturas no bidimensional e o desenho passou a ser espacial. Esta pesquisa deu origem à peça de maior escala *Invasive Species*, que finalmente actua no espaço e em relação com o corpo.

Fotografias: Catarina Leitão



UPLIFT, 2008, livro com 7 secções, impressão tipográfica com matrizes de polímero, tinta sumi. Edição de 5 + 1 PA. Impresso e encadernado pela autora no Center for Book Arts, Nova Iorque, 2008.

Fotografia: Catarina Leitão



UPLIFT, 2008, livro com 7 secções, impressão tipográfica com matrizes de polímero, tinta sumi. Edição de 5 + 1 PA. Impresso e encadernado pela autora no Center for Book Arts, Nova Iorque, 2008.

Fotografias: Luísa Ferreira



Vista da instalação na exposição *Arqueologia do Detalhe*, curadoria Fátima Lambert, Casa das Artes, Vigo, Espanha, 2011.

Aquarela e tinta Sumi sobre papel, vídeo, cabo de aço, madeira, pesos de chumbo, fio de linho, molas metálicas, caixa encadernada, dimensões variáveis.

Fotografia: Catarina Leitão

Invasive Species é uma instalação/livro. Uma caixa dentro da qual cabem todas os desenhos em estrutura de harmónio, funciona como um livro gigante. Quando a peça é instalada ocupa o espaço e o espectador pode circular pelo meio das páginas. As folhas de papel, pintadas a aguarela e tinta sumi, têm aberturas e possibilitam a transformação das vistas pela movimentação do corpo e mudanças de pontos de vista. Um vídeo montado numa pequena caixa descreve a performance do folhear das páginas quando em “estado livro”.

O título da obra faz referência às espécies invasoras na cidade. A vegetação que cresce descontrolada e que não se deixa domesticar.

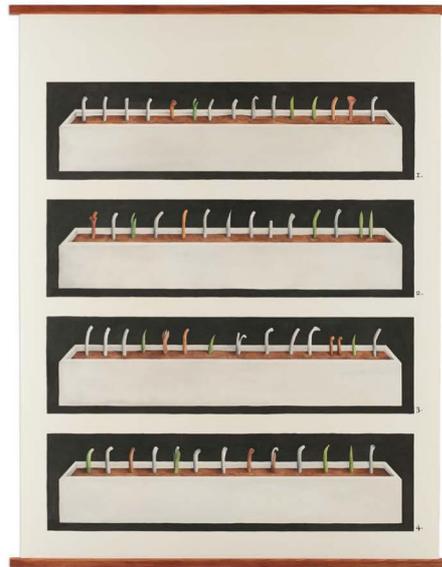
O papel como material tridimensional actua no espaço ao mesmo tempo que contém imagens na sua superfície bidimensional. A pesquisa a partir dos desdobramentos e relações entre os espaços a duas e três dimensões está na base nesta série onde a bidimensionalidade do papel é posta em causa a partir da perfuração do mesmo. O papel torna-se objecto, as aberturas oferecem uma nova dimensão ao desenho. Este projecto surgiu da pesquisa iniciada em *Uplift*, agora com o intuito de intervir no espaço e criar uma relação com o corpo.



Invasive Species, 2010–11

Uma **Instalação/Livro**. Imagens do vídeo a passar num monitor com 6 x 4 cm integrada numa caixa.

Fotografias: Luísa Ferreira



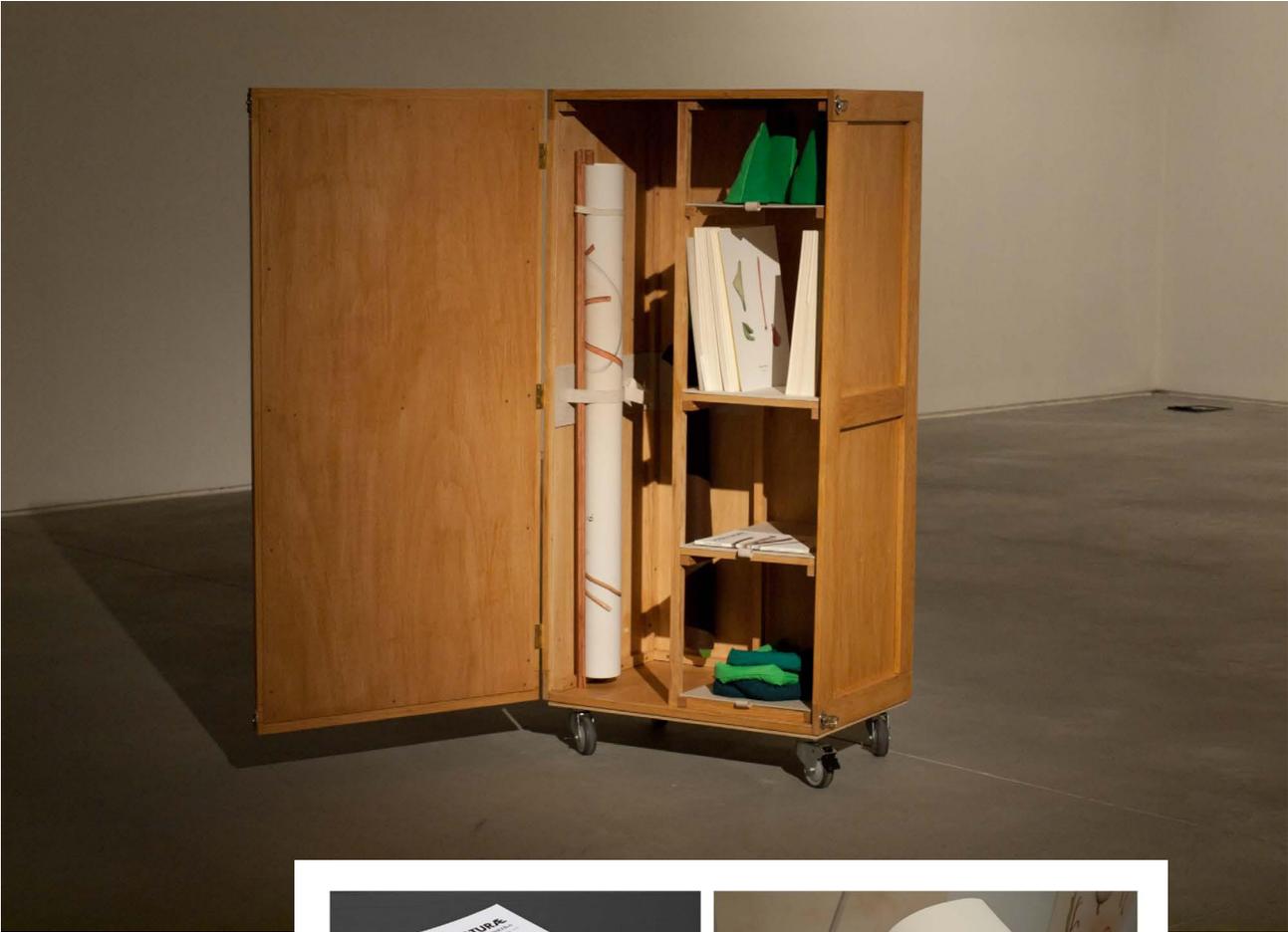
Systema Naturæ é um projecto de instalação e desenho que, partindo de uma investigação no campo da ciência botânica, propõe a adição de elementos ficcionais à lista das espécies conhecidas. Neste trabalho imaginei e desenhei espécies botânicas cruzadas com formas mecânicas, vegetais híbridos alusivos à manipulação do natural e a construções artificiais. Partindo da recolha de desenhos científicos de várias épocas e de visitas a herbários e jardins botânicos, foi construída uma ciência paralela. As novas espécies inventadas, desenhadas e conformadas a uma estética didática e museológica, foram classificadas com base no estudo de regras de taxonomia vegetal e seguindo sistemas de classificação tradicionais (baseados na morfologia externa das espécies). Nomes em latim existentes que descrevem características de género e de espécie foram conjugados com novos termos, traduzidos ou inventados para latim botânico estabelecendo ligações entre as várias denominações e os seus significados, equacionando novos sentidos, contraditórios, absurdos ou irónicos.

A instalação final do projecto incluía oito desenhos de grandes dimensões, alusivos a cartazes escolares, e uma série de desenhos em pequeno e médio formato, dispostos em mobiliário específico. Uma peça central no dispositivo da instalação, o Museu Portátil apresentou-se como um repositório de artefactos didáticos e museológicos. Uma caixa transportável onde podiam ser arrumados os objectos que compunham a exposição, aludia a temas como a portabilidade e a migração, centrais no meu percurso artístico.

Ainda no contexto da exposição, foi apresentada uma publicação de autor, fruto de uma colaboração com o escritor José Roseira.

Vistas da exposição *Systema Naturæ*, Carlos Carvalho Arte Contemporânea, Lisboa, 2012.

Fotografias: Catarina Leitão





Atelier Portátil, Protótipo #1, 2013-14

Técnica mista, dimensões variáveis e vídeo/performance,

Atelier Portátil, Protótipo #1 Cena 5, 12 min, cinematografia

Rui Pinheiro. Vista da Exposição na Galeria Carlos Carvalho
Arte Contemporânea, Lisboa, 2014.

Fotografias: Catarina Leitão

O Atelier Portátil é uma caixa com rodas construída à medida das minhas necessidades para desenhar no campo. O atelier não é usado como atelier, faz parte de uma ficção montada para pensar o processo e a circulação da obra do atelier para o museu, através de estruturas móveis. Este atelier/objecto/contentor expande-se no espaço ao ar livre e contém uma série de objectos utilitários por mim fabricados. Uma tenda-abrigo, que pode ser montada e desmontada, uma bata de trabalho e um caderno de campo. A bata/vestido funciona ela própria como contentor/atelier com bolsos especificamente desenhados para alojar objectos e materiais. Fazem parte do trabalho reportagens fotográficas e vídeo de performances no campo em colaboração com o fotógrafo Rui Pinheiro.



Atelier Portátil, Protótipo #1, 2013-14

Técnica mista, dimensões variáveis, imagens de uma das performances, *Atelier Portátil, Protótipo #1 Cena 3*, fotografia de Rui Pinheiro.

Fotografia Rui Pinheiro



Trabalho de Campo III, madeira e desenhos impressos,
260x250x250 cm
Vistas na exposição Artemar, com curadoria de Luísa Soares
de Oliveira, Passeio Marítimo do Estoril, Cascais.

Fotografias: Catarina Leitão

Trabalho de Campo III foi uma peça criada para a exposição de arte pública bienal Artemar no passeio do Estoril. A peça funciona como um pequeno museu de imagens ao ar livre. No seguimento de uma série de trabalhos onde desenhei espécies botânicas inventadas, apresentei aqui uma versão que se debruça sobre a flora aquática.



Trabalho de Campo IV

Trabalho de Campo IV, 2015, madeira e aguarela sobre papel, 103 x 480 x 40 cm.

Vistas da exposição *Acrochage*, intervenções no museu, curadoria de Mário Caeiro, Museu Malhoa, Caldas da Rainha.

Fotografias: Catarina Leitão

A obra *Trabalho de Campo IV* é constituída por uma estrutura modular em madeira que serve como dispositivo museológico para a apresentação de um trabalho que sugere uma pesquisa ficcional. O trabalho reflecte o processo de mimetização de uma metodologia de trabalho de campo própria das ciências naturais: as acções de recolha, observação, representação, catalogação e classificação de espécies botânicas são aqui apresentadas como narrativas paralelas.

O dispositivo mobiliário em madeira é uma estrutura desmontável e portátil, o que permite sucessivas intrusões em espaços museológicos.

Outros elementos escultóricos que são parte integrante desta peça contaminam outros espaços da sala.



Biblioteca Natural, exposição no O Armário, Lisboa, 2016, Instalação com livros. A Biblioteca Natural é um projecto em curso desde 2014, vão sendo adicionados novos livros, funciona como uma biblioteca itinerante.

A Biblioteca Natural é uma série infinita de livros, todos exemplares únicos, que definem e procedem de um trabalho ficcional de pesquisa no domínio das ciências da natureza. A Biblioteca ela própria insere-se num projecto artístico alargado no qual eu me aproprio de vários media para criar uma narrativa onde problematizo a relação entre o humano e o natural.

“(…) Artefactos factícios, estes livros/elementos desta Biblioteca Natural fazem parte de um mundo hipostático construído por uma personagem-autora. A exploração continuada da fina (?) membrana que separa o dentro do fora, o eu e o outro, o humano e o não-humano, a investigação das tensões exoráveis que atribuímos às dualidades natural/artificial e ideia/forma suscitam a suspeita de que não há



nada que tenha nome ou representação que não tenha já sido domesticado pela força combinada das nossas imaginações. O armário e o vestido, o que guarda e o que reveste, são também as nossas ferramentas de contacto. Através deles definimos a nossa forma e o seu negativo. Abri-los, despi-los, é também interiorizar o que está fora. O livro é absorvente. (...)" Excerto do texto escrito por alguém entre o José Roseira e a Catarina Leitão, em Março de 2016.



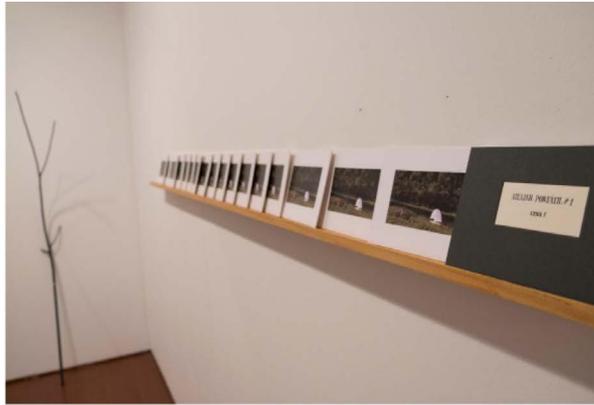
Fotografias: Raquel Melgue



*Viagem a Port Actif**, 2016, vistas da exposição, Ciclo
Eletricidade Estética, Atelier-Museu António Duarte, Caldas
da Rainha, 2016.

Caixa de Desenho I, 2016.

Fotografias: Patrícia Faustino



Atelier Portátil, Protótipo #1, 2013-14, técnica mista, dimensões variáveis.

Atelier Portátil, Protótipo #1 Cena 1, 2013-16, Livro (Prova de Artista) e montagem de fotografias da performance. Fotografias por Rui Pinheiro.

Biblioteca Itinerante, 2016, técnica mista, papel, tecido e madeira, 60x15x33 (peça fechada)

Fotografias: Patrícia Faustino



Dendrograma | Tree-kit

Um projecto sobre a portabilidade, o desenho no espaço, repouso/agência e a ideia (intraduzível) de freedom of display.

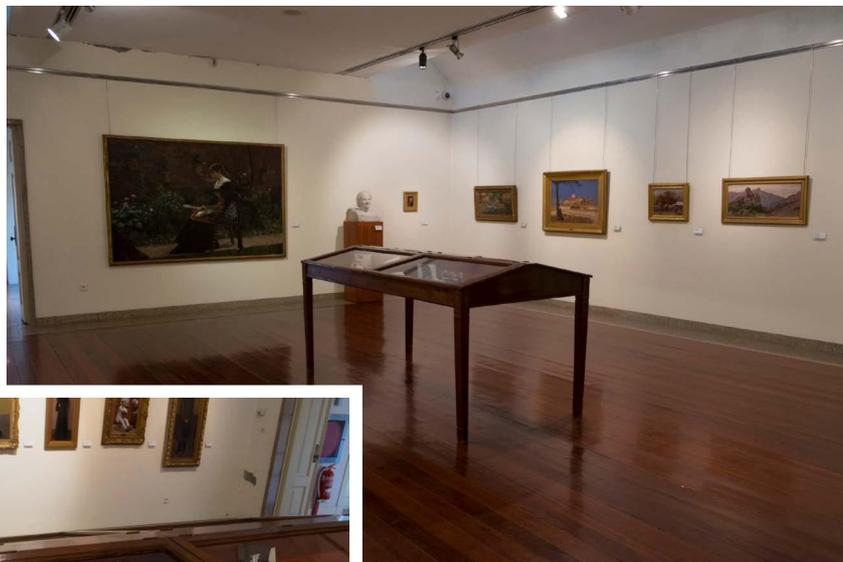
Dendrograma | Tree-kit é o produto de uma pesquisa sobre as possibilidades do desenho no espaço. Composta por módulos de madeira pintada, esta peça funciona como um desenho tridimensional que incorpora os efeitos de luz e sombra que se projectam nas superfícies do seu contentor — o espaço de exposição. Dendrograma é um Kit, as suas peças modulares são ramos transformados que se encaixam uns nos outros e podem ser montados como uma tenda. Este processo torna a obra portátil e mutante: pode estar fechada ou aberta, em repouso ou a actuar no espaço quando manipulada por um

participante. Este Kit condensa três momentos: um inicial, de repouso e portabilidade (fechado, bidimensional), o acto performativo (abrir, instalar), e o corpo expandido (aberto, tridimensional).

Dendrograma | Tree-kit, 2016, madeira, alumínio, tinta vinílica, velcro, dimensões variáveis. Vistas da instalação na galeria MCO Arte Contemporânea, Porto, 2016.

Fotografias: Catarina Leitão

Exposição-MNSR



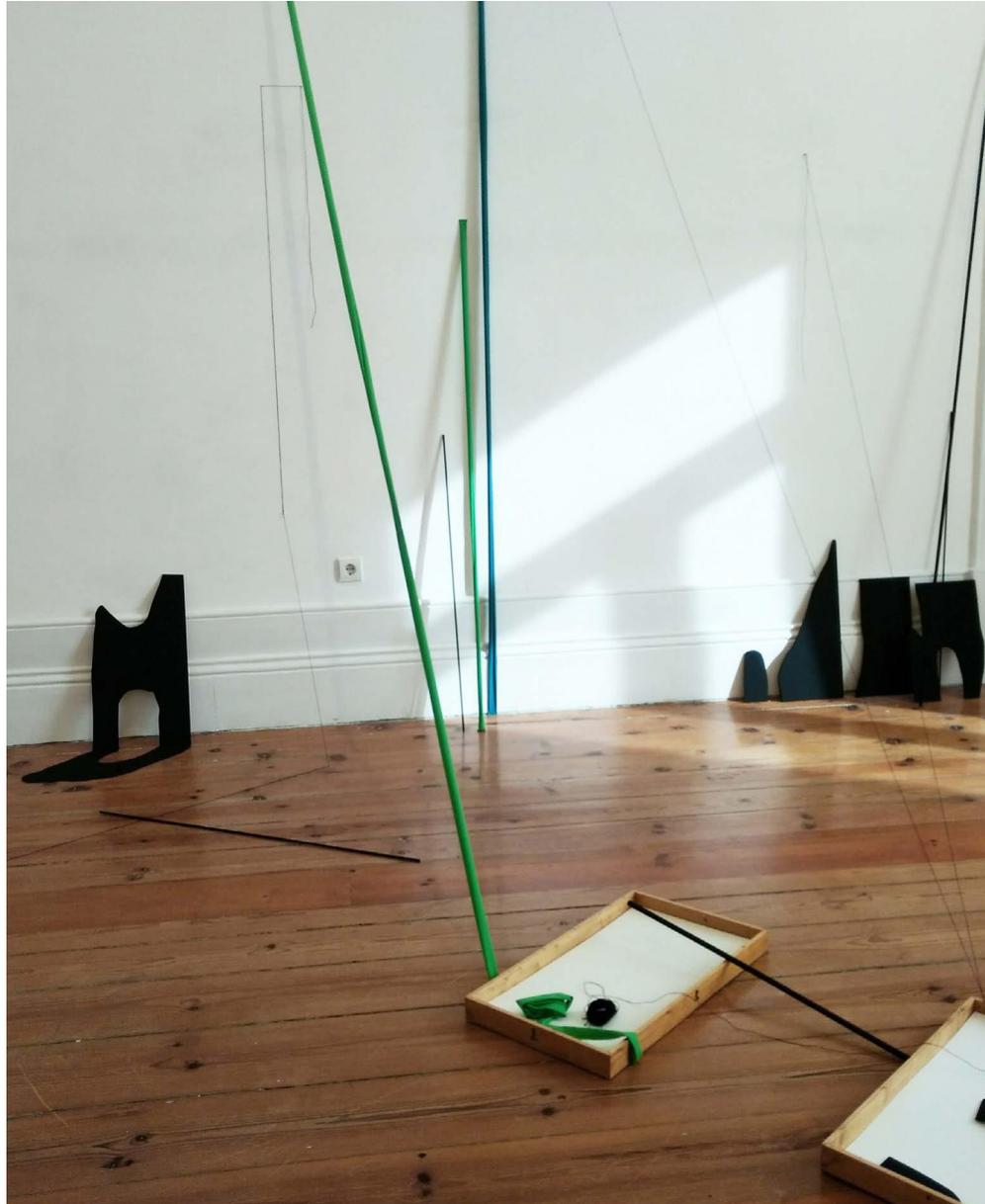
Vistas da exposição

Biblioteca Natural II, curadoria Fátima Lambert, Ciclo Acções estéticas 12, Museu Nacional Soares dos Reis, Porto, 2017.

2014-17, uma série de livros de um fólio. Dimensões variáveis. aguarela e tinta da china sobre papel. Encadernações com capa dura forradas a tecido.

Fotografias: Catarina Leitão





Vistas da exposição

Caixa de Desenho, curadoria Fátima Lambert, Quase Galeria, Porto, 2017.

Desenho tridimensional, técnica mista, dimensões variáveis.

Caixa de Desenho, a peça central desta exposição, integra-se numa pesquisa sobre as possibilidades do desenho no espaço. A partir de uma caixa de pequenas dimensões é criado um desenho que tem como suporte o espaço arquitectónico envolvente.



Desenhos:

Trabalho de Campo VI #01

Trabalho de Campo VI #02

Trabalho de Campo VI #03

Trabalho de Campo VI #04

Trabalho de Campo VI #05, 2017

Técnica mista sobre papel com barras de madeira, 110x70 cm



Vistas da montagem e processo no atelier.

Fotografias: Catarina Leitão